

CONTRABANDISTAS

10-2-66

Rubem Braga

CONTAM que o guarda-mor Enói Teixeira viu, de binóculo, do Arpoador, um navio lançar fardos de plástico, flutuantes, cheios de mercadorias, que foram depois recolhidos pela lancha de um contrabandista. Enói, que é um excelente praça e um ótimo funcionário, nada pôde fazer, porque a Alfândega do Rio não dispõe de uma embarcação para dar caça aos contrabandistas. Ele ainda arranjou uma lancha emprestada no late Clube, mas quando chegou lá fora já era tarde.

Há dois dias atrás eu estava aqui na minha janelinha do 14.º andar, em Ipanema, quando vi um grande navio — o casco pintado de preto e o resto todo branco — que me chamou a atenção pelo seu rumo. Estava um pouco à esquerda — a leste — da ilha Rasa, e parecia vir em direção ao Arpoador. Se fosse um iate de passeio, uma traineira ou um navio de guerra eu acharia normal, porque eles evoluem em todas as direções; mas era um grande navio de carga e de passageiros, que a gente só vê passar, vindo do sul, em direção à entrada da barra, ou em sentido contrário.

«Hay trampa» — murmurei. Olhei com o binóculo e vi que o navio diminuía a marcha até quase parar, e dêle se aproximava uma lancha, certamente invisível da praia. Essa lancha chegou-se ao navio, fez algumas evoluções ali por perto e depois se afastou, parando duas ou três vezes antes de ir-se embora. A grande distância não me permitia ver detalhes, e como fui chamado ao telefone não pude observar o que se seguiu. Fiquei com a impressão de que assistira a um transbordo de mambas.

Confesso que não sou um inimigo fanático do contrabando; e até acho que um contrabando moderado tem sua graça e sua justificativa em um mundo tão cheio de fronteiras e de alfândegas. Mas tudo tem sua ética, e fazer essas coisas assim, na cara da gente, não me parece direito. Diante dos olhos do guarda-mor, então, é um acinte. Que se aparelhe a Alfândega com boas embarcações e até avião, ou então que se apele para os senhores contrabandistas no sentido de realizarem essas operações em alto mar ou em lugares afastados da costa.

Há tempos eu soube que um grande e conhecido iate saiu da Guanabara e foi a muitas milhas da costa pegar uns fardos, que desembarcou em Saquarema. Isso é um trabalho decente. Não sei se vocês se recordam, já houve até o caso espantoso de um caminhão militar, zeidentado na avenida Brasil, que estava cheio de contrabando. Abriu-se um inquérito, na época, mas se abafou; e dou um doce ao oficial da linha dura que tiver coragem de reabrir esse assunto; essa gente dos IPMs é muito abelhuda, mas nem sempre...

O fato é que os contrabandistas, que se assustaram nos primeiros tempos da Revolução (lembrem como o *scotch* andou raro e caro?), estão abusando um tanto agora; e tudo o que podemos fazer, eu e o guarda-mor Enói Teixeira, é ficar a ver navios.